

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 19

Outubro — 1882

1.º anno

Expediente

Para satisfazer aos numerosos pedidos dos nossos amigos e assignantes, resolvemos dar no proximo numero, o retrato do sr. dr. Magalhães Lima, director d'esta folha. Bemais o desejo que tinhamos de offerecer aos eleitores do circulo 98 a biographia do seu candidato, fez com que tomassemos esta resolução, bem contra sua vontade. Esperamos que o nosso amigo nos releve a ousadia, e temos a certeza de que a sua benevolencia o levará a annuir ao nosso empenho, que é tambem o dos seus muitos correligionarios.

Lisboa, 11 de outubro de 1882.

João José Baptista.

Joaquim Cecilio de Sousa

Cecilio de Sousa é para nós a revelação de um phenomeno psychologico, muitissimo curioso. Assim como na epocha da revolução franceza, a maioria dos espiritos preferio deixar-se arrastar por uma ordem de idéas, incontestavelmente funestas á força de incoherentes, mas que tiravam todo o prestigio do seu intuito negativo e dissolvente, assim tambem entre nós o radicalismo atravessou uma primeira phrase, que se pode chamar perfeitamente demagogica, na qual os impetos do instincto e da paixão, suppriram os conselhos e as suggestões do raciocinio.

Cecilio de Sousa, pela natural rebeldia de uma organização irracivel, sentiu desde que entrou na vida a necessidade de

viver em permanente hostilidade contra alguma cousa, pela qual o seu espirito mostrasse uma sincera e natural repulsão. Esse alvo de toda a sua animozidade, e

duzido como tem, incontestaveis e valiosos serviços ao progresso das idéas republicanas, demonstra contudo na sua obra o vicio capital que a gerou.

Cecilio de Souza, trouxe para o campo militante da actual politica democratica, todos os preconceitos auctoritarios, toda a falta de coherencia e preparação scientifica, toda a inoportunidade de obsecção e de intransigencia, que são ainda hoje o defeito principal da escola conservadora.

E' este como diziamos, um notavel facto psychologico.

Observando despreocupadamente esta individualidade, nós encontramos por detraz d'aquella apparencia francamente revolucionaria e irreconciliavel com os principios do regimen theologico-monarchico, todos os defeitos e todos os erros de um espirito que não conseguiu, por falta de uma educação logica e systematica, levantar-se sufficientemente a essa altura, em que só é possivel á nova geração, desempenhar-se dos seus gloriosos compromissos.

Para demonstrarmos com provas irrecuzaveis, a affirmação que fazemos, bastará dizer que Cecilio de Sousa ainda até hoje não conseguiu desembaraçar-se como convinha, dessa deploravel tendencia para a politica pessoal, substituindo esta pela critica serena dos acontecimentos.

Por outro lado conserva ainda intactas essas illusões ingenuas ás quaes se deve o malogro de tantas tentativas audazes e generozas, e que assignalam hoje os ultimos restos d'esse methaphysismo politico, por meio do qual se concede uma influencia illimitada e deciziva á acção dos governos sobre a evolução e o bem estar das sociedades.

Infelizmente para este como para muitos outros espiritos os desenganos da ex-



esse alimento para todo o seu rancôr doentio, achou-o desde logo na monarchia, da qual tem sido constantemente um dos mais encarnigados inimigos.

E' em virtude d'estas disposições iniciaes, que explicam toda a sua existencia politica, que Cecilio de Sousa, tendo pro-

perencia têm-lhe passado completamente desaparecidos.

E tanto este vicio se acha portal fôrma arreigado no nosso meio, mesmo entre as classes que se inculcam o titulo de dirigentes, que não é raro deante de qualquer problema de economia social que se *ponha* para ser resolvido, surgirem brados insistentes e clamorosos reclamando, como panacea efficaz e prompta, a intervenção omniciente e providencial de um decreto ou de uma deliberação legislativa.

N'este caso como em muitos outros a maioria do nosso jornalismo acha-se reduzida á condição subalterna de função dirigida, em lugar de órgão dirigente.

Passemos porém á enunciação dos traços mais salientes, que distinguem o nosso biographado.

* * *

Cecilio de Sousa nasceu em 1842, justamente quando o partido liberal portuguez sustentava uma lucta terrivel contra o despotismo de D. Maria II e dos seus conselheiros, que obstinadamente se recusavam a transigir com as exigencias da opinião publica.

Nasceu proximo de Cintra, em Albarraque, filho d'um convencionado d'Evora Monte e d'uma senhora que professava com tanta intransigencia as ideias absolutistas, como hoje o nosso biographado defende radicalmente os mais avançados principios politicos.

Este facto, avaliado sob o ponto de vista propriamente scientifico, pôde mesmo servir de prova para as considerações que acima fazemos acerca do temperamento de Cecilio de Sousa. É o caso da reprodução d'uma certa tendencia para um trabalho cerebral que pôde ser mais ou menos util para a sociedade em geral e para o proprio individuo, conforme o modo porque se manifesta.

No presente caso a intransigencia reaccionaria da mãe do individuo que procuramos definir com toda a verdade, veio reproduzir-se sob outra fôrma, mas com a mesma feição característica — a da intransigencia — que fez de Cecilio de Sousa um verdadeiro demolidor, mas que o tornou inhabil para um trabalho sério de organização.

E dizendo isto, não deixamos por modo algum de reconhecer os serviços prestados ao partido republicano por esta individualidade, assim como quando nos referimos á revolução franceza não podemos dizer que os mais indisciplinados jacobinos não tivessem prestado um concurso valioso para esse grande movimento que assignala o reconhecimento dos direitos do homem.

Antes pelo contrario, admiramos esses serviços e patenteamos a necessidade hoje reconhecida de que todos aquelles que se dedicam á vida publica, e especialmente nos partidos novos, sejam dotados de uma solida educação scientifica, que lhes modifique as tendencias que lhes foram transmittidas hereditariamente e lhes permita a analyse serena e conscienciosa

dos factos que se passam na sociedade, cujos vicios combatem.

Ora esse material indispensavel para que a actividade d'esses individuos seja util quando se passa da declamação facil para os difficilimos trabalhos de politica pratica; esse material que constitue a base de todos os trabalhos sérios e como taes subordinados a um plano determinado, falta a Cecilio de Sousa.

Possuindo uma grande força de vontade, uma persistencia um tanto ou quanto selvagem que o arrasta ás mais extraordinarias e confusas affirmações, o nosso biographado perdeu por não ser desde creança sujeito a uma educação livre dos prejuizos theologicos.

As suas tendencias naturaes foram aggravadas pelo modo como foi guiado por um ecclesiastico, que foi quem lhe ministrou os primeiros rudimentos d'uma instrução falseada pelos principios dogmaticos da igreja.

Depois foi ainda destinado á vida ecclesiastica que felizmente não chegou a seguir porque já então começava a manifestar-se o seu espirito de opposição systematica.

D'este modo está justificada a falta de orientação de Cecilio de Sousa que em abono da verdade deve dizer-se que está um pouco atrasado da epoca em que hoje manifesta a sua actividade.

* * *

Passado o primeiro periodo da sua vida Cecilio de Sousa partiu para a Africa, por onde viajou durante largos annos, passando d'ahi a Goa onde residiu alguns annos, até que em 1866 voltou a Lisboa, dedicando-se á vida typographica.

Desde essa data o seu espirito irrequieto começou a manifestar-se pelas suas arrojadas affirmações, e foi assim que em 1869 com o actual proprietario da *Typographia Popular* e da *Folha do Povo*, o sr. José Antonio Ferreira, fundou o *Trinta Diabos* que mais tarde passou a denominar-se *Trinta Diabos Junior* e depois *Trinta*.

Recordam-se ainda todos da importancia que esta folha assumiu desde o seu começo e sobretudo o *Trinta*, que desempenhou um papel que honra a Cecilio de Sousa e Silva Lisboa, especialmente quando levantou a celebre questão do tratado de Lourenço Marques, que tanto agitou o paiz.

Por essa occasião o *Trinta*, que já era popularissimo, fez-se ouvir por todos os portuguezes independentes e o seu grito de guerra contra essa negociação feita pelos ministros da corôa, repercutiu se por toda a parte.

E' incontestavel que se deve a Cecilio de Sousa e aos seus collegas na redacção, o grande serviço de terem mostrado a importancia d'esse tratado, que felizmente não teve a sanção da camara dos pares, graças á energia do povo que então se manifestou vigorosa e potente.

E bem comprehendem os poderes publicos esta verdade, pois que desde essa occasião ficaram com uma divida em aber-

to para com o *Trinta*, divida que lhe pagaram no dia 10 de agosto de 1881, suprimindo-o arbitrariamente.

Não conseguiram porém o seu intento porque no mesmo dia começou a sair a *Folha do Povo* que tem gosado da mesma sympathia do publico e que Cecilio tem continuado a redigir com o mesmo enthusiasmo que redigia o *Trinta*.

N'este jornal que diariamente advoga os principios republicanos d'um modo levantado e digno, cantinha Cecilio de Sousa obedecendo ao seu temperamento, tratando algumas questões d'um modo vago e confuso que não está em harmonia com as exigencias do actual momento da nossa evolução social e politica.

MANUEL BARRADAS.

E VOLTA-SE O FEITIÇO

Novamente, na Europa adormecida com pruridos de mansa tempestade se desfralda o pendão da iniquidade, escarneo d'este mundo e d'esta vida.

E' a guerra que vem! A fratricida que avança contra a interno humanidade procurando-lhe n'alma a liberdade, essa deusa do povo estremecida!

E ao fragor de tambores e cornetas desfilam pelos campos desolados milhares de luzentas bayonetas.

Urrah! mais uma vez, pelos soldados! Urrah! pelos heroes, nossos irmãos, que vão escravos, e voltam cidadãos!

GERMÃO VENDRELL.

Guerra ao Jesuita

Nas grandes crises a prudencia é fraquesa.

(MIRABEAU)

Protegidos pelos traidores da Patria, os jesuitas ampliam desassombadamente o seu dominio, n'este fecundo paiz de indolentes.

Não combatermos energeticamente esses bandidos de sotaina, é um crime de lesa-nacionalidade.

Falsarios, hypocritas, e até assassinos, de tudo isto se compõe essa nefasta companhia, illicitamente denominada de Jesus!

Appellidar assim essa horda de tartufos, é divisnar o crime.

Se o povo não estivesse infelizmente, ainda tão ignorante, de certo que já teria expulsado do seu territorio, esses crocodilos, que inoculam contagiosa peçonha, no seio da Patria, de que elle é ingrato filho!

Reis! e jesuitas! eis os teus inimigos, ó povo insciente?! o throno e o altar, é que têm sido o travão da roda do progresso, e da riqueza; paralyndo a tua intelligencia, e a tua força physica, em chimericas theologias! em sobrenaturaes concepções! prejudicando d'essa sorte o bom andamento da sociedade, da qual tu és o unico Sér supremo!

Só um caracter excessivamente malvado, ou um cerebro completamente enfermo, é capaz de proteger a maldita seita negra.

Incensar o erro da liturgia, porque o povo fanatisado se recreia com o perfume do thuribulo, é tarefa superior à minha comprehensão, porque a consciencia contra esse artificio se revolta.

Pela acção do positivismo é que se poderá eficazmente morigerar a sociedade, e implantar o novo systema de governo.

Em quanto a theologia, e a metaphysica não forem totalmente eliminadas, nunca o existente será destruido, porque é do erro que elle se alimenta. Outras doutrinas são o toxico que irremediavelmente hão de aniquillar esse organismo social em permanentes controversias, e dissidencias, sem resultado favoravel à causa que defendemos.

E doloroso cortar a parte gangrenada, mas se é esse o unico meio, de se poder salvar o corpo, deveremos hesitar?!

A medida que a instrucção se propagar, essas crencas por muito arregadas no amago da sociedade, hão-de sem resistencia desaparecer, como desaparecem esses ephemeros reccios que se apoderam de nós, durante as trevas nocturnas, quando o astro do dia surge radiante de luz nos plainos do Infinito!

Parece-me d'um aprimorado raciocinio o seguinte axioma de Pascal.

Qui veut faire l'ange, fait la bête.

Lisboa

MARIA LUISA CALDAS.

Garibaldi e os negros

Nunca é tarde para se fazer justiça a um heroe sublime, como tambem nunca é tarde para castigar devidamente qualquer rafeiro ignobil, que ladra a um cadaver na impossibilidade de morder o homem.

Vamos fallar de Garibaldi o heroe sublime da *Italia-una*, e inimigo invencivel e irreconciliavel do Vaticano — o quartel general da crapula e da infamia, o foco da podridão que infecciona o mundo.

Vamos fallar do valente filho do humilde pescador de Niza, ha pouco fallecido na sua predilecta Caprera, e cuja morte foi um «cataclismo» porque levou o lucto e a consternação a todos os pontos do globo onde se pensa, a todas as partes do mundo onde a causa da democracia tem procellosos.

O nome do valente caudilho que pôz sempre a sua intrepidez ao serviço da liberdade honrará este periodico, já por tantos titulos notavel, e o correctivo que vamos applicar aos detractores do valente popular, irá, impresso n'estas paginas que vão correr mundo, a demonstrar exuberantemente, que em Portugal existe quem saiba o que foi Garibaldi e quem proteste contra as diatribes do calão sachrista cuspidas para sobre o cadaver venerando d'esse homem que, sendo da Italia, pertencia a todo o mundo, porque em todo o mundo se pronuncia o seu nome com visiveis signaes de respeito e admiración, conquistados pela indomavel tenacidade com que o extraordinario heroe sabia combater em prol da sagrada causa da justiça humana.

Este despretençioso artigo irá provar aos descendentes do unificador da bella Italia, que os insultos covardes atirados ao campeão da liberdade universal, são vingados e que, se os devassos da sentina catholica romana cevam a sua ira na sombra gigantea do valoroso revolucionario, ha quem levante a luva arremessada à arena pelos follicularios indecentes da imprensa reaccionaria, não por consideração para com tão despreziveis quanto repugnantes creaturas — note-se — mas pelo respeito devido a memoria do immortal Garibaldi.

Um dia, não ha muito, o telegrapho, com toda a reduza que tantas vezes demonstra, dizia estas palavras: Morreu Garibaldi. Foi o bastante para que toda a humanidade ficasse ferida! Aquellas duas simples palavras continham em si todo um poema de dor. Eram palavras fataes que nos feriram, a nós todos os democratas, como duas laminas afiadissimas, agudas! Estava morto o heroe do Piemonte e essa morte era geralmente sentida: abalara o mundo!

Imponentes manifestações se fizeram em honra do companheiro de Mazini e Cavour e a nossa voz em alguma parte commemorou o passamento do revolucionario sympathico cuja *blouse* vermelha irradiava uns clarões animadores que incutiam coragem pera a lucta, e cegavam os adversarios. E' que dentro d'aquella *blouse* palpitava um coração generoso possuido d'um patriotismo nunca igualado e jámais excedido; e não só a Europa, mas todo o Universo se apossava a manifestar o seu profundo sentimento pelo astro que tendo brilhado tanto, se apagára subitamente! Muito de passagem proferimos então algumas palavras de sentimento, reservando-nos para em mais oportuna occasião nos referirmos ainda aquelle, cujos prodigios de heroicidade e dedicacão pela liberdade estavamos acostumados a admirar desde creança. Essa occasião chegou agora, e cremos que o nosso sentimento pela morte de Garibaldi está já demonstrado até aqui em palavras singelas, é uma verdade, mas que tem o merecimento de ser sinceras, dimanadas do coração aberto a todas as emoções grandiosas. E' humilde o nosso preito ao heroe, mas é valioso porque é expontaneo.

Sentir a morte d'esse colosso, e deixar sem correctivo os que, do fundo do charco em que se nutrem do lodo das podridões, insultam a memoria do arrojado liberal, seria covardia da nossa parte e nós apesar de novos não tememos os coices dos reaccionarios velhaços nem dos conservadores ventripotentes.

Um pasquim dos mais despreziveis que conspurcam a santa missão da imprensa jornalística, o immundo *Commercio do Minho*, referindo-se ao finado de Caprera diz assim, o bilre infame:

«Em Garibaldi, não havia virtudes nem de cidadão nem de soldado. Era um espantalho ridiculo de que a Revolução se serviu.»

E depois vomitava:

«Foi um perverso, e um mentecapto e nada mais.»

Corja de rafeiros que pena não vos

achardes ao alcance do nosso cuspo, bandidos confessos da honra, assassinos da consciencia, hypocritas que minais das sachristias pestilentas dos vossos covis a liberdade que vos tolera.

Estes saltadores de cruz e bacamarte que são ao pé do vulto gigantesco a quem insultam?!

Uns vermes despreziveis, simplesmente. Garibaldi ainda depois de morto intimidava estes demões.

E' tão grande o prestigio do seu nome que elles, os maiores perversos do mundo, os entes mais mentecaptos do globo fazem um esforço para se segurarem no lodo em que chafurdam e atiram ao ar a baba pestilenta com destino ao cadaver d'aquelle que eternamente os odium, mas essa baba vae cahir-lhes em cheio nos rostos mysticos e cheios de pustulas.

São negros, escuros como a doutrina absurda que propagam, e a *blouse rouge* do caudilho da unidade da Italia infundelhes horror. Era vermelha mas tinha irradiações explendidas! As vestes d'elles são negras, umas sombras d'animaes perigosos que é preciso correr por meio da energica propaganda contraria, para fora dos povoados. D'aqui a differença e com ella o odio dos biltres.

Quaes são as virtudes dos sotainas já como cidadãos já como propagandistas? A resposta existe na historia. Consultada ella, o anathema sae-nos expontaneo dos labios.

E' que se ha criminosos no mundo o maior numero d'elles pertence à grey negra, à cohorte dos bandidos da cruz!

E são estes *virtuosos* que julgam chegar com a sua peçonha até junto do cadaver do perverso caudilho da Revolução! Infames! Nem ao menos se conhecem!

Conhecemol-os nós e, como preito sincero à memoria de Garibaldi, aqui juramos sob nossa palavra de honra, não descançar jámais sem ter guerreado, o mais possivel, essa seita infame de vampiros catholicos romanos, o que não nos impedirá de guerrear tambem o privilegio e a especulação de todas as outras castas de vampiros.

Sou a hora da limpeza. A humanidade avança. A Revolução aproxima-se.

Para traz infames!

Gloria a Garibaldi!

ALBERTO BESSA.

A Revolução

A hora tremenda do ajuste de contas aproxima-se! Já me parece ouvir o passo cadenciado dos soldados do povo, que descem das montanhas, armados de espadas, paus, foices, etc. etc. finalmente tudo quanto é uso servir de arma defensiva e offensiva em occasões de guerra civil.

Parece-me estar sentindo n'este momento troar a artilheria, e os tiros de fuzilaria dos soldados a quem pagamos *para que nos defendam*, os gritos agonisantes das victimas, e ver o clarão sinistro do incendio!

São todos os horrores d'uma guerra, mas d'uma guerra tremenda, guerra do

oprimido contra o oppressor, em que o leão adormecido desperta e despedaça as fortes cadeias que o maniatavam! Guerra fatal, como são todas, mas nobre e justa. E' uma pagina da historia do 93, em França, que nos parece estar lendo n'este momento!

Sois vós porem, homens sem patriotismo, que empunhaes as reedes do governo d'este mal aventurado paiz, que tendo unicamente em mira os vossos interesses, concorreis poderosamente para esta tremenda calamidade! Não accuseis o povo, não, elle é nobre e generoso, e tem já soffrido demais para que possa supportar as vossas infâmias!

Quereis aniquillar a patria de Luiz de Camões, Vasco da Gama, *Albuquerque Terriel, Castro forte, e outros em quem poder não teve a morte!* Não, mil vezes não!

Enquanto no nosso solo existir um portuguez, elle arrancará a patria expirante das aduncas garras dos modernos Migueis de Vasconcellos.

Vamos, não trepedeis, avançaí sempre na vossa obra de corrupção! Sobrecarregae-nos de impostos vexatórios, prohibi as nossas reuniões, encerraí nas immundas prisões do estado os nossos mais eminentes escriptores, mandai-nos acutilar pelos soldados a quem pagamos, que com isso só fareis aproximar a hora do vosso castigo! Preparai a revolução, mas depois... depois tremei o resultado.

Ao longe vejo brilhar entre nuvens a felicidade de Portugal, e essa suprema felicidade, essa aurora de liberdade e prosperidade, é representada por uma simples, mas elegantissima palavra... **REPUBLICA.**

ALFREDO FREIRE.

A CRENÇA DO POVO

Que ardente palpitar é este, que delirio!
Que causa nos incita a esperarmos no porvir?
Além no horizonte um vulto vai surgir,
Vem dar-nos a gloria, fundar-nos o martyrio.

Esperemos pois: deixando á fera villanagem
Apenas um instante, de nefasta orgia,
Em que as garalhadas da baccha a alegría
Unidas são as chufas da reles criadagem.

Deixar as Messalinas com gestos provocantes,
Entregues ao prazer de immoda bacchanal,
Vasando esses lídres nas taças de crystal,
Chegando-os com meignica aos labios dos amantes.

.....
Aproxima-se o vulto um facho traz na destra,
As vestes altejantes; vermelho gôrro traz,
E o hymno o a companhia, d'uma orchestra.

Quem ha que não se anima, ao ver esta visão?
Quem ha que não se exalte, e sinta o patrio amor...
Vir dar-lhe força e brio, e com todo o esplendor...
Mostrar-lhe o que vai ser ainda esta nação!

Se o povo foi heróico em prol da natureza,
Hoje o caso é outro, sente a indifferença!
O vulto que surgiu é esse a sua creança,
A pura Liberdade; e o hymno? - A Marselheza!

Eis a crença do povo, é esta a sua esperança
E este o futuro, stá finda a escravidão!
Soberano é este só, e a vil derradão,
E expulsa p'lo padro que já ligeiro avança!

A realza com os seus vis seclarios
Já bate em retirada; a purpura cahiu!
O throno não existe, e o vulto que surgiu,
Abraça o nobre povo, não teme adversarios!

Mais longe ouve-se o ecco d' enorme festival!
Um pavilhão tricolor, flutua alegremente!
Qu' enthusiasmo febril! Que regozijo ardente!
Exulta a celebre França, que saudá Portugal!

.....
E' simples a historia é pobre allegria,
Porem, o pensamento que n' inspirou é grande!
A lyra dissonante, meu prazer expanda,
Ao vêr triumphar altiva do povo a sob rania!

23 - 9 - 82. EDUARDO AUGUSTO PINTO.

Decomposição

Desde o mais humilde cidadão até ao mais elevado cargo do constitucionalismo, triste é dizel-o, tudo está eivado. Na orbita politica e na social existem os mesmos males, os mesmos erros, os mesmos defeitos que travam a roda do progresso nacional, que evitam a marcha da civilização, que paralizam todos os grandes empreendimentos, as grandes iniciativas que se propõem a resalvar a nossa dignidade de povo livre e independente. A immoralidade campeia livremente por toda a parte. Na orbita politica, o abuso, o desvergonhamento dos governantes; na orbita social, o indifferentismo, tradicional não se me dá, dos governados. E' palpavel a decomposição d'este jardim da Europa á beira mar plantado! A vergonha, fugio; a moralidade, morreu; a consciencia, eclipsou-se! Um logista a quem o acaso ou o descuido produziu um incendio no seu estabelecimento seguro em varias companhias, pagando integralmente os juros correspondentes, não alterando nunca estes compromissos, deita annuncios laudatorios agradecendo á companhia cuas companhias de seguros, a indemnisação dos prejuizos causados pelo incendio, como se fôra um grande favor que a dita companhia commettesse! Vamos deduzir d'aqui o estado de decomposição a que nos vimos referindo. Parece que a companhia não fazia mais de que cumprir com o seu dever pagando a importancia dos prejuizos, mas segundo os agradecimentos que temos visto, não acontece. A companhia que paga o que deve, por isso que, durante muitos annos recebeu os juros correspondentes dos objectos seguros, faz um grande favor, uma obra de caridade, um obsequio avultadissimo, que sem agradecimento não podia ficar. Responderam a isto que o agradecimento é a promptidão, e nunca ao cumprimento de dever da indemnisação, mas em qualquer dos casos sujeitos é triste, tristissima a dedução que tiramos. Sendo integral o pagamento dos juros dos objectos seguros, parece que as indemnisações também devem estar sujeitas a uma solução prompta, instantanea, e não acontecendo assim, como se deprehende de varios annuncios que temos visto, deduzimos que, ou a companhia a quem se fez o agradecimento tem por uso e costume não cumprir religiosamente os seus compromissos, ou o auctor ou auctores dos agradecimentos tem em divida algum dever e por isso se apressam em agradecer os favores d'aquella. Immoralidade ou toleima? O leitor que opte pelo que achar mais racional.

Uma mulher que teve a desdita de perder o marido, agradece dias depois ao medico que o tratou durante a enfermidade, o cuidado, o desvello, todos os esforços empregados para o salvar. Suppnhamos que o medico ou medicos não faziam mais do que o seu dever propondo todos os meios que a sciencia aconselha para salvar o enfermo, mas perante os annuncios repassados de servilismo bombastico que ao leitor de certo não serão extranhos, deduzir que o medico que exer-

ceu o seu dever propondo todos os meios scientificos para livrar da morte um seu cliente, fez um favor, e tanto que o homsenso da familia dorida, apesar de ter perdido o seu chefe, aconselha um agradecimento em forma a demonstrar que se o medico foi desveitado e carinhoso prestou um favor e nunca um dever!

O medico recebe uns tantos mil réis pelo seu trabalho; a sciencia não poude vencer a enfermidade do cliente e a esposa que chora o passamento do marido ainda vem agravar a sua situação agradecendo os esforços que o medico empregou para... O leitor que termine a phrase.

Por isso não nos surprehenderá se um dia perante tantos e tão repetidos agradecimentos, encontrarmos algum onde a esposa agradeça ao medico não ter salvo o marido, e onde o marido acabe por agradecer ao coveiro do cemiterio o ter enterrado a sua cara-metade!...

Inda não fica por aqui. O sr. governador civil gratificou a policia que por occasião da visita do rei de Hespanha cumpriu com o seu dever! Parece-nos que esta gratificação é a confissão tacita de que a policia civil nem sempre cumpre com o seu dever, o que, a ser assim, certamente s. ex.ª concorda plenamente com o que temos dito por mais de uma vez. Que dedução se pôde fazer d'aqui? Que a policia civil, instituição com que se gasta 82 contos de reis annualmente, para cumprir com o seu dever e para executar com prudencia todas as ordens que receber dos seus superiores, precisa de uma gratificação, ao contrario ninguém terá que se queixar. Isto não achamos triste, antes pelo contrario, gostamos e tanto que nos causa hilaridade!...

Decididamente atravessamos uma quadra de desmoralização. O estado anarchico em que se encontra o nosso paiz revella exuberantemente a transformação pendente. Tudo está corrnpto, tudo precisa reforma.

Governantes e governados ignoram os seus deveres e os seus direitos. Aquelles tratam exclusivamente dos seus interesses; estes curam de quanto lhes não pertence, trocam o util pelo agradável e votam á indifferença exactamente o assumpto a que devem ligar a maior importancia! A decomposição é geral. Assim como uma grande estadista e notabilissimo ibérico disse em pleno parlamento que o povo é como o limão, quanto mais se exprime mais summo deita, assim tambem nós, perante a decomposição a que estamos assistindo, diremos relutando a phrase do illustre parlamentar: o povo é como uma hexiga tanto enche que rebenta!

Um dia virá que se reconheça esta grande verdade.

REGO E SOUSA.

ALMANACH DA GALERIA REPUBLICANA

Para 1883, em substituição do **Almanach do Seculo.** A venda em todas as livrarias e kiosques. Preço 120, para as provincias 130; para os srs. assignantes da Galeria e Seculo 100 réis, e para os das provincias 110 réis. Pedidos a João José Baptista.